O GLOBO
QUINTA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 2016 ANO XCII Nº 30.127

Comitê Rio 2016 é autuado 51 vezes. Auditores constataram jornadas sem controle de horário e alimentação inadequada, entre outros problemas

Desrespeito às leis trabalhistas

O Ministério do Trabalho autuou 51 vezes o Comitê Rio 2016 por descumprimento da legislação trabalhista. Entre as infrações, 39 se referem a desrespeito aos direitos à saúde e à segurança do trabalhador. Outras 12 autuações aconteceram porque auditores foram impedidos de entrar em locais de competição.

Uma autuação não significa necessariamente uma multa. A partir da notificação, o Rio 2106 poderá recorrer, dar explicações e, com isso, evitar a punição. Em 27 de julho, antes do início dos Jogos e depois da chegada das primeiras delegações no Rio, o Ministério do Trabalho aplicou uma multa de R$ 315 mil ao comitê organizador, em razão de carga horária exaustiva e da falta de carteira assinada dos trabalhadores responsáveis por erguer a Vila dos Atletas.

Apenas uma das irregularidades detectadas, a contratação irregular de 6,5 mil trabalhadores, poderá gerar uma multa de R$ 6,5 milhões às empresas terceirizadas responsáveis. O Ministério do Trabalho informou ainda que, nas arenas, 3,5 mil pessoas exerciam jornadas de trabalho sem controle efetivo de duração e recebiam alimentação inadequada, como sanduíches e salgadinhos. Segundo o órgão, alguns trabalhadores atuavam sem lugar sequer para se sentar e em quiosques sem cobertura.

Em todos locais de competição, trabalham mais de 90 mil pessoas, sendo 85 mil terceirizadas e seis mil no comitê organizador. O Rio 2016 informou que colabora com o Ministério do Trabalho no processo de fiscalização e que tem permitido o acesso dos auditores às arenas "sempre que solicitado". (*Vinicius Sassine*) ●

Debandada da Paralimpíada

Sacrifício. Voluntários no Engenhão: condições duras

Exposição ao calor, excesso de trabalho e falta de treinamento fazem voluntários já começarem a desistir de atuar também no próximo evento. COI diz que vai tentar resolver os problemas

MARIANA FILGUEIRAS
mariana.filgueiras@oglobo.com.br

No formulário para se candidatar a uma das vagas para ser voluntário da Olimpíada, havia a seguinte pergunta: "Você quer se voluntariar também para a Paralimpíada?" Muitos respondiam que sim, animados com a chance de participar de dois grandes eventos mundiais. Mas, depois de encarar a dura rotina de trabalho e ficar horas e horas sob sol forte em instalações descobertas, já há quem informe ao Comitê Olímpico Internacional (COI) que mudou de ideia e não vai mais trabalhar na próxima competição.

— Eu sou treinador no interior de São Paulo. Para mim, é uma chance excelente de ter contato com atletas da minha modalidade, alguns dos melhores do mundo. Foi para isso que vim. Até orientam a gente a trabalhar apenas oito horas por dia, mas as delegações fazem demandas sem parar. É impossível sair no horário. Vou informar que não poderei trabalhar na Paralimpíada. É uma pena, mas eu não aguento — alegou, sem se identificar, um treinador de esportes aquáticos, convocado para ficar à disposição de atletas espanhóis.

Única trilíngue entre voluntários brasileiros que dão orientações ao público na entrada do Complexo Esportivo de Deodoro, uma brasiliense, que preferiu não se identificar, disse que vai desistir do voluntariado na Paralimpíada por causa do excesso de calor:

— É muito desgastante. Fico em pé o tempo todo embaixo de sol. Não tenho condições de repetir esta rotina. Em setembro, vai estar ainda mais quente.

Voluntária do Irã, uma engenheira ambiental que atuou nos jogos de futebol em Manaus também desertou da Paralimpíada:

— O trabalho é mais duro do que disseram. Ficamos muitas horas em pé, no sol, muitas vezes sem treinamento adequado. Participei apenas de uma palestra. Eu não tinha como responder a muitas perguntas que me faziam — justificou ela, um dia antes de voltar para o seu país.

Aos 50 anos e aposentada, uma carioca que trabalha no Maracanã contou que "mais de 50" já desistiram. Ela disse que os problemas já foram relatados ao COI:

— O café da manhã é um saco de pipoca. Não temos nem uma hora de almoço. Além disso, só podemos ir ao banheiro no momento do check-in ou no almoço. Trabalhamos em torno de nove a dez horas.

O comitê informou que está tentando sanar os problemas relatados e que o número de voluntários é suficiente para atender bem o público. ●

Colaborou Roberto Araújo

EM ALTO E BOM SOM

SEMPRE UMA PIADA AO MEGAFONE

Na competição para ver quem derruba o mau humor do público dos Jogos — que normalmente vem do tempo gasto no transporte ou do tamanho da fila, passando pela falta de comida —, alguns voluntários têm recorrido à irreverência. Muitos deles, além de transmitir instruções, fazem piadinhas e gracejos ao megafone.

— Não entrem na arquibancada com cara de bunda — ordenava um voluntário da Arena do Futuro, pouco antes da partida entre Brasil e Angola no handebol feminino.

Diante de alguns bocejos (o jogo começava às 9h30m), perguntou:

— Vocês vieram para ver o jogo ou para dormir?

Colocar áudios do celular no megafone também tem sido um hit. Assim, alguns funks vêm embalando a entrada do público nas competições. Há voluntários que fazem paródia das letras.

— Tava no fluxo/ avistei a novinha no grau/ sabe o que ela quer?/ Basquete — cantou um voluntário da Arena Carioca 1, conferindo um pouco mais de "espírito esportivo" a uma letra de funk proibidão, antes do jogo entre Argentina e Croácia.

No último sábado, diante da multidão que compareceu à Orla Conde, alguns voluntários, com megafones, instruíam os pedestres a voltarem para a Candelária via Avenida Rio Branco. Um deles exagerou na ênfase:

— Eu vou jogar vocês na água! Gente, está lotado, vou fazer bullying — disse aos que insistiam em andar pelo lugar errado.

O jogo Pokémon Go também foi lembrado. Na estação de trem do Engenho de Dentro, antes do jogo entre Brasil e Suécia, no dia 6, um dos voluntários avisava ao megafone:

— É proibido caçar pokémons dentro da estação.

Para animar
O que os voluntários dizem

"Não entrem na arquibancada com cara de bunda"

"Vocês vieram para ver o jogo ou para dormir?"

"Eu vou jogar vocês na água! Vou fazer bullying!"

"É proibido caçar pokémons dentro da estação"

CRÔNICA DO DIA ANA CRISTINA REIS

A medalhista e o feirante

"Gringo tá no Rio e eu tenho que falar inglês?", reclamou uma jovem carioca num post no Facebook, intitulado Agora em Botafogo, em que contava que fez questão de não ajudar um turista que pedia informação. A má vontade virou motivo de piada nas redes, e o título do post, um meme olímpico.

Dias antes de isso vir a público, minha amiga Vera estava inocentemente a alguns passos da entrada do metrô de Botafogo quando notou um grupo de turistas tentando decifrar um mapa. Ao oferecer ajuda e descobrir que eles queriam ir para Copacabana, disse: "Eu moro lá. Venham comigo". Ficou sabendo que eles eram da Nova Zelândia (avô, avó, pai, mãe e filha), que um dos homens trabalhava no Ministério da Educação neozelandês, que uma das mulheres era professora universitária e que todos estavam gostando muito do Rio.

Em Copacabana, na saída do metrô, ao se despedirem, Vera arriscou: "Estou indo para a feira agora. Querem conhecer? Fica pertinho da praia". Continuaram conversando, caminhando para a Praça do Lido, quando minha amiga finalmente perguntou: "Vocês estão de férias ou vieram especialmente para a Olimpíada?". Os neozelandeses abriram um sorriso, e a mãe incitou a filha, uma morena de vestido florido: "Mostra para ela!". A moça tirou da bolsa um cordão com uma medalha. Prata de rúgbi.

Vera pediu para tirar uma foto, um dos feirantes se voluntariou, logo todos queriam saber que era a garota da medalha, tirar selfies, apertar os braços da atleta. "Coisa de maluco!", espantou-se Robson, de 59 anos, vendedor de frutas. "Olhem esses músculos aflorando, gente. E ela é menor que eu, diria até que é do tipo mignon". A família quis comprar manga, papaia e atemoia. Robson argumentou que era presente. O grupo bateu pé, fazendo questão de pagar. "Diz para eles que se quiserem voltar na semana que vem, vou trazer meu filho, que estuda inglês", avisou Robson, que, ao contrário de uma carioca mal-humorada, não tem nada contra gringo. ●